



SABER DE MELLO, I.; AGUIAR, F. M. de; BELCHIOR SANTOS, J.; PEDROSO DE OLIVEIRA, L.; BITENCOURT, M. A. L. de; FRANZONI, T. O que é escrita performativa?. *DAPesquisa*, Florianópolis, v. 15, n. esp., p. 01-24, 2020. DOI: 10.5965/1808312915252020e0015. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/17922>. Acesso em: 8 dez. 2022.

Algumas notas

Conheci o *Coletivo de escrita performativa* (<https://linktr.ee/escritaperformativa>), quando estava organizando as minhas leituras para escrever dois artigos que atualmente estão em fase de avaliação. Os artigos deveriam abordar do meu ponto de vista como é que uma escrita verbal literária poderia ser performativa, englobando portanto aspectos de não semioticidade, agoridade e presença, apesar do seu estatuto intrinsecamente linear e sígnico. Na busca pela internet achei esse artigo do *Coletivo de escrita performativa* que problematiza a necessidade de uma escrita mais livre para a pesquisa acadêmica, especialmente quando essa está ligada a investigações de cunho artístico que exploram exatamente práticas de linguagem e os diversos cortes epistemológicos que se dão por elas. Depois de ter lido o artigo entrei em contato com o coletivo parabenizando o trabalho e escrevendo um pequeno desabafo sobre a minha trajetória como estrangeira na escrita acadêmica em português. Esse contato foi muito importante porque fui convidada como aluna para participar de um curso de escrita performativa acadêmica na Fundarte de Montenegro. Fruto desse curso é um artigo que submeti para uma chamada da própria revista da Fundarte, um número especial sobre escrita performativa acadêmica, que resultou nesse artigo:

CAPUTO, I. COBRA: QUANDO A LINGUAGEM MUDA DE PELES OU CARNAVALIZA-SE BARROCAMENTE. *Revista da FUNDARTE*, [S. l.], v. 51, n. 51, p. 92–106, 2022. DOI: 10.19179/rdv.v51i51.1136. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1136>. Acesso em: 13 dez. 2022.

Citações do artigo:

Na arte, especialmente na forma como é feita hoje, é possível listar uma série de razões para que os métodos tenham caráter processual, passível de mudanças. Dentre de algumas estão: a fragmentação, a provisoriedade, o sintomático a continuidade de práticas (que podem vir a gerar produtos e ações); o borramento das noções de participação e autoria, artista e espectadores as proposições que não excluem a possibilidade da catástrofe, as reconfigurações que moldam ações e/ou formas. (MELLO et Al. 2020, p. 2)

O conceito de texto se dinamizou, está mais aberto e polissêmico, há uma maior preocupação com sua produção e recepção, seus desdobramentos e metamorfoses. (MELLO et Al. 2020, p. 4)

O que seria o performativo que adjetiva as escritas aqui reunidas? Poderíamos apontar como características do performativo: o apelo a outros modos de percepção (e no caso do texto, a própria resignificação do que é considerado texto); o caráter processual, inacabado, de algo que está sendo feito, do que está sendo composto através de uma colagem de diferentes formas e gêneros; o espaço para o cotidiano, a não separação entre arte e vida; a (re)inscrição da arte no domínio político; o deslocamento dos códigos; a possibilidade do risco, do malogro, do erro que acompanha a tentativa; a ludicidade das formas visuais e verbais do discurso a performatividade como experiência e como execução de uma ação. (MELLO et Al. 2020, p. 8)

Conhecer em fragmentos, conceber espaços em que não compreendemos o todo é, segundo bell hooks, uma estratégia pedagógica e política: podemos ouvir sem “dominar” ou “conquistar” a narrativa como um todo, podemos escutar sem “tomar posse” da interpretação. (MELLO et Al. 2020, p. 9)

Nós nos reunimo a primeira vez para olharmos os textos recebidos, um grupo inicialmente formado por estudantes de pós-graduação em Teatro e Artes Visuais, doutoranda e mestrandosm cujo interesse em escritas não colonizadoras, não apartadas do corpo, e em transitar pelos limiars entre a palavra e a imagem, permitiriam relações não hierarquizadas entre saberes, experiências e contextos de produção de conhecimento, sem medo de problematizar o próprio fazer. A relação forma/conteúdo não foi encarada como um dilema, mas um caminho a ser desvendado; da experimentação das opções das ferramentas de textos (cores das letras, cores das páginas, alinhamento do texto, caixa de texto, linhas recortando a mão, bordados, fotografias). (MELLO et Al. 2020, p. 13)

Ao nos aproximarmos da artista e teórica mexicana Diana Taylor (2013, p. 45) compreendemos aqui a performance mais do que um tema de estudo, uma vez que para ela, a performance é mais do que um campo artístico, é uma episteme, um modo de conhecer. Sua escrita não possui o pretensioso distanciamento acadêmico, ao contrário, suas vivências atravessam o texto – o caráter performático de sua escrita permite uma sensação de proximidade para com as pessoas leitoras. (MELLO et Al. 2020, p. 22)